

RESENHAS

MANUAL DE TAPEÇARIA

UM ROMANCE QUE TODO PROFESSOR
(ALIÁS, QUE TODO MUNDO)
DEVERIA LER

GONÇALVES, Lacerda Nilma
Manual de Tapeçaria. Philobiblion,
1986, 231 p.

Imagine-se o impessoal e frio (porque "científico") discurso sobre a falência de nossa escola (sua ineficiência, seu fracasso, sua desvinculação da vida), sobre a discriminação das camadas populares na sociedade e no sistema de ensino, a formação alienante do professor e suas precárias condições de trabalho, as desigualdades e injustiças sociais, a frustrante luta dos que contra tudo isso se insurgem – imagine-se esse discurso científico/técnico (por isso, impessoal e frio) maravilhosamente metamorfoseado em discurso literário, obra de arte em que o calor dos sentimentos, o medo e a coragem, a revolta e a desesperança, o sonho e a dor não se ocultam, não se disfarçam, mas, ao contrário, clamam alto e forte, de modo que a denúncia social que o nosso científico, impessoal e frio discurso acadêmico vem inutilmente formulando se torna, aqui, grito que não há como não ouvir. A autora – a desconhecida (não o será por muito tempo, depois de uma obra como esta) *Nilma Gonçalves Lacerda* – é que, em um seu "breve currículo", que aparece na orelha do livro, melhor define essa denúncia:

*"Testemunho o meu tempo,
maneira de dar meu grito,
saber, pelo menos:
não será por falta de berro."*

O romance – 1º lugar, em 1985, no Concurso "Prêmio Rio de Literatura", da Fundação Rio – será autobiográfico? memória? ficção? Talvez a resposta esteja no trecho seguinte:

"A realidade da ficção tem que ser mais convincente do que a própria vida, porque nesta – na realidade do cotidiano – não se exige a verossimilhança a que o romancista tem que se ater. A inverossimilhança, com efeito, se aceita na vida real – "parece incrível" – não é suportável na sua transposição literária.

Como, entretanto, dar a você, Jomar, a autenticidade que a narrativa exige? Pois se você é feito de fios tecidos em minha memória desde um tempo que se estende de há muito e alcança os ainda dias de hoje. Oriundos de amplas e escuras regiões, esses fios dormitaram tranquilos a formar enredado novelo. E hoje, muito tempo passado e no sempre do presente, pego da agulha correspondente e intento traçar o mapa ou tapete necessário." (p. 37)

A narrativa tem seu foco e fio condutor na relação entre uma professora primária e um Jomar, aluno pobre de favela, inteligente, mas que repete e repete a mesma 2ª série, e depois abandona a escola, transforma-se em marginal, sequestrador, guerrilheiro. É uma narrativa que se desenvolve em vários níveis: ora o relato é da professora, e então se faz em 1ª pessoa, ora é de um observador, e a professora se torna 3ª pessoa; ora quem fala ou pensa (mais pensa que fala – "tratar com palavras é negócio que enjeito", p. 148) é Jomar; há momentos vários de metalinguagem; e há reflexões – sempre meta-



fóricas, e sempre destacadas em grifo – que acompanham o relato, à maneira do coro da tragédia grega. Tudo isso num estilo que, em palavras de Antônio Houaiss (que apresenta a obra na orelha do livro) mostra um "espantoso domínio de um língua para exprimir o inefável: de como, acima e à volta e em torno e abaixo e com e sem as regrinhas gramaticallíssimas e estilisticíssimas, se faz de uma língua convencional a língua necessária para portar o humano nas duas vertentes".

Professora e Jomar, personagens, são, na verdade, arquétipos, cada um são muitos, como fica claro neste trecho de metalinguagem em que a narradora é, simultaneamente, 1ª e 2ª pessoas:

"E se te incomoda o tom documental, narradora, que fazer? Os símbolos puros não se sustentam, mas vivem na medida em que, meros espelhos, estampam uma História. Esta é a História que vives, tu, teu solitário Jomar; uma multidão de iguais a ti, uma multidão de Jomares. Apõe, portanto, o teu selo sobre o relato." (p. 83)

Em outros trechos, Jomar se torna mesmo substantivo comum:

"Tendo solicitado uma reunião à diretora, as mães dos jomares apareceram. . ." (p. 87)

O menino hoje, outro jomar, me disse lancinante. . ." (p. 164)

O tema do romance é o processo lento e doloroso de conscientização da professora primária, num caminho que avança, recua, recomeça: os anos de formação, a primeira escola, a Faculdade, a atuação política, a greve, um cargo importante e a tentativa/esperança de realizar mudanças, a pedagoga em pesquisa para tese, as decepções no cargo e diante das reações conservadoras à tese inovadora, o retorno à escola, ponto de partida. Ao longo desse trajeto, que se vai desenrolando paralelamente ao trajeto de Jomar, a professora-narradora vai descobrindo a divisão, a discriminação, a opressão, as injustiças, e a causa primeira de tudo isso:

"Dou-lhes fio, dou-lhes fio: a menina fazia-se, dia a dia, mulher de olhos que se treinavam em perspicácia, desenvolvendo, sobretudo, a tarefa de acompanhar fios emaranhados em um trajeto inverso que lhe desse o nó." (p. 157)

Como a citação deixa claro, a descoberta se vai construindo e revelando através da grande metáfora do romance, que é a que lhe dá o título – *Manual de Tapeçaria*: o tapete e seus dois lados, o direito e o avesso, a emaranhada trama e o invisível nó primeiro, que é preciso encontrar, para aprender o avesso, destecer o tapete, desenredar a trama. Outra metáfora entrelaça-se com a metáfora do tapete, uma outra figura para o mesmo referente: a hera *"de intrincadas tramas e malhas"* escondendo a parede. No avesso do tapete, na parede atrás da hera, está o "outro lado", e é preciso buscar

"na história, no tecido, na estória, no tapete, na História, na parede, a trama". (p. 92)

O romance faz, assim, em arte e metáforas de tramas tapeceiras e geografia de hera, o discurso da contradição e da dialética:

"o que traça um lado sustenta o outro"

O que imprime o negativo revela o positivo

O que costura é grosso e fino, conforme o lado
:fios – " (p. 92)

Enriquecendo a metáfora do tapete, pontos de bordado são outras metáforas que acompanham em contraponto a narrativa: o ponto em cadeia, ponto de cruz, ponto de alinhavo, ponto bizantino. . . e sobretudo o ponto de sombra, de que se tira lição das virtudes da sombra:

"A lição da sombra é que a gente habitua os olhos para bem enxergar, apesar das deficiências? E que, de tanto exercitá-los, engendram-se engenhos para o fabrico de uma luz que vem por trás, ilumina o palco e a seu clarão ninguém pode ficar cego? E, ainda: porque é uma luz da sombra, brilha irrefreável, esquivando-se ao apagamento?" (p. 83)

Muitas outras metáforas ponteiaram o romance. Como bem disse Ortega y Gasset, a metáfora não é só "um meio de expressão", é um "meio essencial de inteligência", que nos ajuda a pensar, tanto quanto a expressar temas difíceis; é sobretudo este o papel das bem achadas metáforas em *Manual de Tapeçaria*: elas permitem à autora pensar e expressar, e ao leitor compreender, temas difíceis. E então, o rio corporifica o perigoso caminho da conscientização, quando nele se tem a coragem de mergulhar, mas pode ser também fuga, quando se buscam as margens *"floridas e sólidas – o abrigo"*, ou quando se segue na correnteza, *"de manso com os outros, que af o curso da água te protege"*; a teia de aranha é a situação do oprimido, que enreda e aprisiona, tendo *"lá no centro imponentes aranhas peludas de oito e infinitas patas, ariscos olhos e sondáveis desígnios a esperar a mosca mosquito borboleta mariposa insetinhos quaisquer leves e leves a voar e mergulhar na rede"*; e como pensar/expressar, senão pela metáfora da imagem do Cristo que se vai abrindo em rachaduras, até desfazer-se em pó, a progressiva descoberta da nossa impotência para destecer tapete, desatar o nó, desprender a hera e revelar a parede? Metáforas são também os desenhos de Jomar, que a professora coleciona, emoldura, e cuja força simbólica decifra.

São muitas e ricas metáforas, mas é significativo que quase sempre elas surjam para pensar/expressar o doloroso processo de conscientização, o lento desvendar do avesso: a difícil busca do nó, fugindo à atração das margens e ao conforto de deixar-se levar pela correnteza. . .

O cotidiano da escola – presente no romance com tanta verossimilhança que todo professor ali se verá e se reconhecerá: as provas e suas questões alienadas, as reuniões de professores em que muito se ouve e pouco se discute, as reuniões de pais em que muito se fala e nada se ouve, o sistema e seus artifícios, o poder de alguns que silencia o protesto, o mito dos programas, o abismo entre a escola real e a escola utópica que os cursos de formação de professores e o discurso oficial apresentam – esse cotidiano da escola também se faz metáfora quando abre os olhos para o avesso:

"... a tabuada não começa no $3 \times 1 = 3$ e o $3 \times 0 = 0$, inimaginável ensinar, fácil de compreender: zero é constante na vida deles, multiplicar por zero não é impossível de entender, impossível é entender multiplicar, então a professora, sempre novo ser bicando o ovo, vai e descobre: multiplicar não, dividir é muito mais fácil, fazem sempre, é o mais que da vida recebem." (p. 10)

O confronto mundo da professora x mundo dos alunos-jomares é, ao longo do romance, fonte de descoberta; apenas um exemplo: diante da lição que fala de um vovô "alegre, brincalhão, bondoso", e uma vovó "esperta, tranqüila, carinhosa", de um papai "severo, justo, forte" e uma mamãe "bonita, meiga, vaidosa", de um titio "leal, valente, trabalhador" e uma titia "paciente, habilitada, simpática", Jomar pensa lá consigo mesmo:

"e eu: não tenho vó, não tenho vó, nem tio, nem tia, pai sumido no mundo, mãe: bonita, meiga, vaidosa? porra o que tenho lá é um caco, coitada da minha mãe, a culpa é de quem? essa vida esbodega a gente, que jeito? mas é certo isso? chegar aqui e falarem pra mim de coisas que não são verdade? que não são a minha verdade? gosto da minha professora mas não tem condição: os olhos dela e os meus não olham juntos pra mesma direção: os meus mergulham na terra, desentranham os grãos da massa e os dela sobem pras alturas, bóiam em nuvens que ela faz; a fala dela não é a minha, em que cartilha ela aprendeu?" (p. 121)

No discurso do Jomar, o discurso da opressão e da contradição – quantas páginas e quantas palavras

gastaria o discurso acadêmico para dizer o mesmo (e, quem sabe? não tão bem...)

No discurso da professora, a dúvida, a percepção das contradições, caminho para a conscientização:

"Estamos no mesmo rumo: meus alunos e eu? O barco que pegamos nos deixa em porto seguro? Dou-lhes o quê? Uma fala que é a minha, uma história que é a minha. E esta minha história é, irrefutavelmente, uma história de vencedores: sou alguém na vida, sou professora. Eles: ... Que história assumo? Como ter lucidez num mundo que é jogo de espelhos, perdidas as autênticas faces? Aprendi na cartilha de meus pais, aprendi na cartilha dos que traçam o caminho..." (p. 122)

E como enfrentar a contradição? Ao fim do romance, a tese e a antítese se fazem síntese: brilha a descoberta de um terceiro lado quando, ao fechar o círculo de seu tortuoso caminho, a professora volta ao ponto de partida:

"Não havia outra coisa a fazer e a professora cumpre o traçado: vai voltar por onde começou. Busca

no tempo a escola pequena, perdida na favela, retorna turmas das primeiras séries: "quero ser ingênua de novo, quero acreditar que se eu me empenhar muito meus alunos aprenderão apesar de tudo contra tudo e serão alguém na vida, capazes de não deixarem os seus fios sem nó..." Logo no primeiro dia de aula a mulher e eles souberam: são do mesmo lado, um terceiro: direi avesso? direi direito? Direi: o terceiro lado. (p. 227)

E é então que a professora dá a sua "lição de rasgar cartilha":

"No caminho de riscar o próprio espaço, manejar seus fios, tecer aurora de todos, a professora vai dar a lição do dia: lição de rasgar cartilha.

Pejados, vergados sob o peso das cartilhas de outrora, os meninos chegam para a nova aula. É como cruces que carregam aquelas vozes a lhes falar, ano após ano, da incapacidade e desacerto. Cartilhas que lhes davam retalhos de não-saber, frangalhos de não-acertar.

A professora, tão menina, tão mulher, distribui latas de lixo, arma a pira para o fogo. Todos trouxe-

ram tesouras e é sem paixão, com consciência, porém, que cortam e recortam as sílabas e as letras soletradas há mais de século, as frases de sem-sentido: "Vovô viu o ovo." é, de repente, V ov ôv iu oo v o, ôvi Vov v o uoo, e outras lógicas mais, atiradas à fome de lixos e fagos.

A comunhão se dá na hora de sem cartilhas, b + a = Bato à porta da aurora." (p. 229)

Lição de rasgar cartilha que leva à porta da aurora... Lição bonita de rasgar a escola é este *Manual de Tapeçaria* – um rasgar a escola que leva à porta da esperança, quando a professora-autora e nós, com ela, descobrimos, ao final, que é deixar de lado o já bordado e cuidar da costura:

"As agulhas e linhas, os panos na mão

o bordado não quero, alimento a costura." (p. 230)

Sem dúvida: um romance que todo professor deveria ler.

MAGDA BECKER SOARES

VICTOR TOMELIN PEDAGOGIA DO SILÊNCIO



PEDAGOGIA DO SILÊNCIO

O tamanho do medo

TOMELIN, Victor.
Pedagogia do Silêncio. O Tamanho do medo. Campinas, SP, Papyrus, Blumenau, SC, Fundação Universidade Regional de Blumenau, 1986.

Somos uma geração de confessantes, Foucault reconhece no primeiro volume da **História da Sexualidade**. A evidência espanta, porque nos fizeram acreditar que conseguimos chegar juntos a um momento de história em que um dos mais sagra-

dos direitos da pessoa, o resguardo da individualidade, foi finalmente conquistado. Mas o pequeno susto do espanto apenas tenta afugentar a descoberta de que, mais do que nunca, estamos nus por dentro, voluntariamente ou contra a vontade, uns diante dos outros, uns através dos outros, uns contra os outros.

Alguns métodos de confissão conseguimos aperfeiçoar, como a tortura, apenas a face mais perversa do mundo que estamos construindo.